

MARMOTA FLUMINENSE

JORNAL DE MODAS E VARIEDADES



Publica-se, ás Terças e Sextas feiras, na EMPREZA TYP.—DOUS DE DEZEMBRO—de PAULA BRITO, IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL, praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 50 réis por seis mezes, pagos sempre adiantados. Na avulso, 80 réis; musicas, e figurinos coloridos, grátis aos assignantes.

A MARMOTA.

O NOME — PEDRO

ou

TREZENTOS E SESSENTA E CINCO DIAS

Janeyro 9.

1579. — Nasceu em Valhadolid PEDRO Talizy Girão duque de (Ossuna), tendo feito seus estudos na universidade de Salamanca, com distincção e com grande fama de latinista, e de lição historica, passou a viver na corte de Filippe II, mas seu espirito caustico o fez odiado dos cortezaos, e foi-lhe ordenado ausentar-se da capital. Depois de estar por algum tempo em Saragoça se dirigio a França, e d'ahi a Portugal, voltando sómente á Hespanha depois da morte do rei; mas de novo o indispuzeram os aulicos com Filippe III, pelo que passou á Flandres, onde deu provas de sua intelligencia e valor, distinguindo-se principalmente no cerco de Groll. Desta época em diante representou mais ou menos em paizes estrangeiros, até que em 1605, chamado á Hespanha, foi nomeado vice-rei de Napoles, e ahí, bem como na Sicilia, fez seu nome venerado pelos beneficios, por seus talentos e exacta administração de sua justiça. Viveo 45 annos.

1823. — Morreu na idade de 59 annos PEDRO (Prevost), pintor de panoramas, natural de Montigny, de um talento incontestavel, elle todavia não ponde no genero de paisagem ser contado na primeira classe dos pintores deste genero; mas nos panoramas foi seu rival: Paris foi o primeiro quadro que o fez conhecido, e depois deste os mais notaveis foram os panoramas de Roma, Napoles, Amsterdam, Bolonha; Tilssit-Wagram, Anvers, Londres, Jerusalem, Athenas. David, depois de ter examinado toda uma manhã, uma das bellas producções de Prevost, dizia a seus alumnos que o cercavam: — Meus senhores, é aqui que é preciso estudar a natureza. — Este voto na bocca do illustre regenerador da escola franceza é tão glorioso como importante para o artista, que soube inspirar a seus discipulos a execução de quadros do diorama.

1853. — PEDRO (Francisco), natural da villa de Cortegada ou Provença naya do Priorado do Crato, filho de Simão Francisco, e Francisco Lopes recense a reputa da Companhia de Jesus ou o Noviciado de Coimbra, quando contava 19 annos e meio de idade. É escriptor portuguez.

Janeyro 10.

1791. — Nasceu PEDRO LUÍZ (Boursaint), admistrador francez. Depois de haver feito algumas viagens, foi em 1808 nomeado commissario da esquadra do Mediterraneo commandada pelo almirante Ganteaume, de quem tinha sido secretario, e em sua volta de novo tomou este titulo no conselho da marinha presidido pelo mesmo almirante. De 1810 a 1815 preencheu as funcções de chefe do pessoal no ministerio da marinha, e em 1817 teve a direcção dos fundos dos invalidos. Mais tarde tendo-se consagrado unicamente a contabilidade da marinha, publicou sobre esta materia, e particularmente sobre a caixa dos invalidos, memorias luminosas. Em 1823 foi nomeado conselheiro d'Estado, em 1831 membro do Almirantado. Viveo 42 annos. Deixou correspondencia publicada por um amigo em 1834.

1709. — Morreu aos 61 annos de idade PEDRO (Hotton), celebre botanico, membro da sociedade real de Londres e de Berlim, natural d'Amsterdã; doutor em Medicina, em que mais se distinguio; mas tendo abandonado a pratica desta sciencia para entregar-se inteiramente ao estudo das plantas, substituiu a Paulo Hermann na cadeira de botanica da universidade de Groningne e na de Leyde, por ter este partido para as Indias até a sua volta, ficando depois cathedratico por morte do mesmo em 1693. Faleceu porém antes de dar a ultima demão a uma obra na qual se propunha conciliar o methodo de Hermann com o de Tournefort; existindo d'elle todavia dous opusculos publicados ambos em Leyde, um em 1672, e outro em 1693.

1824. — PEDRO (Valdo) o chefe dos hereges conhecidos pelo nome de Valdenses, obtem do rei de Sardenha uma ordenança desta data para poder construir um hospital para seus doentes pobres, e para os fazer servir por um medico de sua creença.

Janeyro 11.

1802. — Nasceu em Triaucourt, departamento do Meuse, PEDRO AGOSTINHO (Lemaire), aggregado da Universidade no collegio real de S. Luiz. Foi o editor da Pharsalia de Lucano em 1830, e que faz parte da Bibliotheca Classica, publicado por seu tio Nicoláo Eloy Lemaire, professor de poesia latina na faculdade das letras da academia de Paris. É autor de uma peça poetica intitulada — a libertação dos gregos — que obteve o premio decretado pela academia em 1827, e além desta é autor do — *Athenarum Panorama* — seu — *Grævie veteris*, — e do — *Carmen de bello hispanico*. — Finalmente, ha

delle — these sobre a maneira de escrever a historia. Paris, 1823, em 4.º

1592. — Morreu D. PEDRO DE (Figueiró), portuguez, natural da villa deste nome, doutor pela universidade de Coimbra, conego regular de Santa Cruz de Coimbra. Era versadissimo nas linguas latina, grega, arabica, caldaica, e particularmente na hebraica, pelo que lhe chamavam o Hebreo. Recusou a primeira cadeira de Escritura Santa da universidade, que Filippe II lhe offerencia. Imprimio diversos commentarios, e compoz outras obras, que não chegaram ao prelo, sendo todas dignissimas da luz e aceitação universal. Ellas formam 2 volumes in-folio.

1738. — O mestre de campo PEDRO DE (Mello), chega tão a tempo a soccorrer o forte Serigão na Azia, do qual era capitão Luiz Serrão de Sousa, e que se achava sitiado a 55 dias, que por seu valor e pericia militar, consegue por em fuga os inimigos só com duas peças de campanha e repetidas cargas de mosquetaria. Era então rei de Portugal João V, e vice-rei da India o conde de Sandomil.

Verdades Ethicas

Políticas e economicas, extrahidas dos melhores autores.

— O Monarcha que se considera Pae do seus subditos, tem amor a todos elles, e de todos elles terá tambem o amor, se nunca se considerar senhor.

— O Rei deve ser clemente, sem que deixe por isso de ser severo. No aspecto pareça aspero para o respeito; no affecto será benigno para o applauso.

— Tenha-se o Rei por pastor para o cuidado, aos subditos por ovelhas para o affecto; será Principe de todos, senão for escravo de si mesmo.

— O Monarcha deve ouvir a muitos e crer em poucos, e destes poucos no menor numero. Não faça homens do repente, gere-os de espaço.

— Para Ministros não exalta o Rei a pobreza virtuosa, nem a qualidade livre do cubica.

— Das vozerias populares não nascem senão idolos. O ouro de Aoron no fogo os gerou com as vozes do povo.

— Em materias graves obre sempre o Monarcha com mysterio, ainda que ao vulgo pareça isso um erro. Julgava o Levita que a Area cubia, e era um mysterio a declinação.

— Depois de sentenças capitães, honre a piedade o que executou a justiça.

— Os Pais devem aos filhos uma boa educação, para que se tornem filhos da sua doutrina, e das doutrinas da Igreja. Absalão não se rebelaria contra seu Pae se fôra melhor educado.

— Não é prudencia querer emendar logo tudo; tendo cautela em proceder sempre a pouco e pouco.

— Antes de intentar, tentar e tentar. O medico, para applicar o remedio, toma primeiro o pulso.

— O Rei é, como qualquer outro homem, imagem de Deos: mas para que seja querido é preciso que suas acções sejam divinas.

— Melhor faz as cousas quem as executa sem estrondo. O principe das abelhas tem menores azas, e por isso faz menos bulha.

— E' dever de um Monarcha:—augmentar a Religião, manter a paz, desterrar a inveja, mitigar os odios, honrar a virtude, ensinar o temor de Deos, venerar o culto, mostrar devogaõ e piedade, favorecer as letras, estimar os Sabios, premiar os valerosos, amparar os pobres, punir os insolentes, e tornar respeitado o seu imperio.

FIM DAS VERDADES ETHICAS.

Amor, innocencia e modestia.

Nata dies sine linea.

Jorge, Henrique e Matilde, mimosas crianças, e filhos de um cavalleiro de provincia, sahiram a passear ao campo em uma bella manhã da primavera. Os rouxinões e cotovias estavam cantando, e as flores orvalhadas abriam os petalos ao suave toque dos raios do sol nascente.

As crianças olhavam em roda de si com prazer, saltavam de outeiro em outeiro, e teciam grinaldas de flores. Ellas entoavam tambem em hymnos os encantos da primavera, e o paternal amor de allissimo, o qual tinha revestido o campo de hervas e flores, desde a rose que florece na sarça, até a violeta que escondida brota, e a urze da qual a industriosa abelha chupa o mel.

Assim a primavera da vida parecia estar em doce consorcio com a do anno.

Então disseram as crianças umas para as outras:— vamos escolher cada uma a flor, que seja nossa predilecta. Ajuntemos-nos depois naquelle caramanchel, exclamaram ellas; e muy satisfeitas do proposito correram pelo campo em diversas direcções em busca de flores.

Não tardaram muito todos trez em voltar a toda pressa para o caramanchel, trazendo nas mãos grandes ramos das flores predilectas. Quando se avistaram, levantaram as flores ao ar, vozeando de alegria. Então entraram no caramanchel, e de commum accordo disseram:— Agora deve cada um de nós dar a razão da sua escolha.

Jorge, o mais velho, tinha escolhido a violeta. Vêta, disse elle, ella florece e espalha a sua fragrança no seu modesto retiro e entre musgos e arbustos, e se desenvolve com o mesmo segredo que a doce e benéfica chegada da primavera. Por isso é amada e adorada pelos homens e celebrada por engenhosos poetas, que a chamam primogenita da primavera e flor da modestia.

Por esta razão a escolhi para minha flor predilecta.

Assim fallou Jorge; e offereceu algumas das suas flores a Henrique e a Matilde, que as acceitaram com gosto por ser a violeta agora a flor predilecta de seu irmão.

Henrique então se avançou com o seu ramo de flores. Compunha-se da delicada açucena, que cresce á fresca sombra dos frondosos bosques algando as suas delicadas campainhas enfiadas como perolas o tão claras como os raios do sol. Olhai, disse elle, esta é a flor que eu escolhi, por ser o emblema da innocencia e candura da alma, e por me excitar a amar aquelle que esmaltou os ceos de estrellas e matizou a terra de flores.

— Não fui a açucena escolhida entre todas as outras flores como evidente prova de amor paternal d'aquelle, em quem todas as cousas vivem e se movem? Por este motivo escolhi a açucena para minha flor predilecta.

Assim fallou Henrique, dando parte das suas flores ao irmão e irmã, que as receberam com prazer e respeito.

Por ultimo veio Matilde, linda moça com um braço de flores que ella tinha colhido. Era a delicada flor chamada amor perfeito. Vêta, meus queridos irmãos, disse a gentil menina, estas flores, achei as junto ao rugato, fazendo reflexo na fugitiva lymphá, em cujas bordas crescem, e brilhando como estrellas tecidas no firmamento.

E' a flor do amor e do affecto, por tanto eu a escolhi para ser a minha predilecta, e dou algumas a voçes ambos. Ella então apresentou as flores aos seus irmãos com um beijo, que os irmãos lhe retribuiram dando-lhe agradecimento. E os anjos da guarda d'estas crianças sorriram-se ao ver tão innocente e affectuosa união.

As flores predilectas foram assim extremadas.

Disse então Matilde: Tecamol-as em duas grinaldas para as offerecermos aos nossos queridos paes.

Teceram pois duas grinaldas das mais bellas flores, e as levaram a seus paes, cantando-lhes tudo o que tinham feito, e as escolhas das flores.

Os paes se alegraram com os seus queridos filhos, e disseram Na verdade, que formosa grinalda! — amor, innocencia e modestia entrelaçadas em doce união! Olhai como uma realça e embelezza a outra, e assim formam juntas a mais linda das grinaldas.

Mas ainda falta uma cousa, replicaram as crianças com doce alegria coroando seu pae e mãe com as grinaldas.

Então os corações dos paes exultaram de gosto, e abraçaram com ternura a seus filhos, dizendo: Esta grinalda é mais preciosa que a corôa de um monarcha!

(Extr.)

R.

• Cópia

de uma verba do testamento com que falleceu José Victorino Ventura Pinheiro, em 13 de Janeiro de 1854.

Deixo á Sancta Casa da Misericordia desta Corte duzentos e cincoenta mil réis para os pobres da mesma, e para me fazer o enterro como abaixo digo, aliás nada ficar. Como sempre tratei o meu corpo, que é alguma cousa, com pouco melindre, não posso autorisar a que seja tratado com luxo o meu cadaver, que será nada, nem a satisfazer a

vaidade dos vivos, etc. Meu cadaver será vestido da maneira que costumou estar em casa, e depositado em um caixão dos de menor preço; não quero armação de qualidade alguma, nem mesmo banquetta, e menos ainda tocheiros, porque meu cadaver não precisará de luzes e tão altas: bastará o Crucifixo com quatro luzes sobre uma mesa, e o meu cadaver para um canto, em lugar distante, pois repugna-me a idéa de colocar ao pé da Imagem do Ente Supremo uma pouca de terra em corrupção, pois da maneira que tenho constantemente visto, está representando como idolo, e parece que tudo o mais é accessorio. E porque será indispensavel que meu cadaver seja levado ao cemiterio, será isto feito em uma condução de menos preço; não m'importando balanços nem quedas.

NOVO LABORATORIO PHARMACEUTICO.

Não basta que uma casa destas tenha todas as drogas convenientes; é tambem necessario que á sua frente esteja uma pessoa habil, que se interesse não só pelo estabelecimento, como pela sua propria reputação, e que o assoio desse estabelecimento se patenteia aos olhos dos freguezes desde a porta de entrada e do mostrador até o laboratorio chimico, e a cosinha, por que o assoio é incontestavelmente uma das primeiras necessidades da vida, e a primeira condição do gosto.

Com estas condições acaba-se de abrir um Laboratorio Pharmaceutico no largo de Mata-Porcos n. 62, a cuja frente está o habil Sr. Antonio José da Rocha, Pharmaceutico bem conhecido, não só pelos seus conhecimentos profissionaes, como pelas suas maneiras distinctas, e sempre para com todos affiveis.

O escrupuloso assoio e o luxo com que se acha montada esta casa são taes, que sem medo de errar, pode-se bem dizer, que iguaes a esta, podem talvez existir outras boticas (vulgarmente fallando) na capital do Imperio; porém melhores não, e é até impossivel.

E pois nesse novo estabelecimento acharão as pessoas, que o procurarem, tudo quanto for mister a bem da saude, sendo suas receitas aviadas com promptidão, assoio, e o mais commodo possivel. Tambem aqui se encontram boas bichas, e pessoa habilitada para as pôr a qualquer hora.

Além de todas as drogas, e remedios proprios de taes estabelecimentos, acharão os freguezes um grande sortimento das mais finas e exquezitas perfumarias, um grande sortimento de chás de todas as qualidades, charutos de Havana, Bahia, &c., &c.

Motto.

O coração da mulher.

(IMPROVISO).

Não ha assumpto mais bello
Com que eu me possa intrêter;
E' pra mim um doce estudo
O coração da mulher.

Ha muito que ninguém falla
Sobre elle, uma vez se quer;
Ha muito que ninguém julga
O coração da mulher.

Será isto esquecimento?
Eu não posso responder;
Olvidar-se não se pôde
O coração da mulher.

Houve tempo em que a *Marmota*
A luz não via sem ter
Um artigo que brindasse
O coração da mulher.

Agora jaz tudo frio,
Podem *Marmotas* haver;
Ninguém se cança em glosar
O coração da mulher.

Quero eu principiar
Sobre este assumpto a escrever;
Quero outra vez em combate
O coração da mulher.

Agora que do trabalho
Procuro descansar ter;
Sirva ao meu tempo de emprego
O coração da mulher.

Uma esposa o Céu me deu
Que outra igual não pôde haver,
N'ella se vê como ó nobre
O coração da mulher.

Não me esqueça um só momento
Da que me soube prender;
Quez longe ou perto eu adoro
O coração da mulher.

Quando forçado ao trabalho
Vou onde manda o dever,
Sinto não levar comigo
O coração da mulher.

Mas leve a terna saudade
Que me está sempre a roar;
Sinto o meu peito pedir
O coração da mulher.

Apenas finda esta lida,
Eis-me pr'a casa a correr;
Eis-me outra vez adorando
O coração da mulher.

Dos perversos corações
Nem quero noticias ter:
Eu quero só, por que é bom,
O coração da mulher.

Rio, 9 de Janeiro de 1855.

M. N. dos Santos.

Adeus!

Morrer... morrer... Quem sabeo que é morrer?
Porto de salvamento ou de naufragio...
E a vida? um sonho n'um baixel sem leme,
Sonhos entremeados de outros sonhos,
Prazer que em dôr começa e em dôr acaba!
Magalhães.

Eu sinto pouco á pouco de meus dias
O fogo s'extinguindo...
Meus sonhos já não são sonhos de amores
Na morte scismo e penso!

Já não tenho es e ardor que tantas vezes
Meu peito electrizará;
Amo a noite bem negra sem estrellas,
Sem a pallida lua!

Eu passo horas inteiras lamentando
Do mundo a falsidade,
E, ás vezes, sem querer, o pranto corre
De meus cansados olhos!

Quando, acaso, á meu lado vem sentar-se
O anjo qu'eu adoro,
Conto-lhe o meu solcer, digo-lhe, triste,
Meu bem—eu vou deixar-tel

Como o nauta na hora da partida
Beijando a sua amante,
Assim, em termo abraço, como um louco,
Eu a beijo — chorando...

Tanto amor que eu sonhava... tanta gloria...
Sinto findar-se tudo...

Quem sabe si amanhã estarei vivo,
Ou nos braços da morte!

Coração qu'inda hontem tanto ardia
Na febre dos amores,
De momento a momento vai perdendo
O fogo das paixões...

Não tarda ao desditoso peregrino
O dia da partida...
Já na dextra sustem o seu bastão,
E diz ao mundo adeus...

Banha saudoso pranto o rosto seu,
Fere-lhe o peito a dor...
Quer chamar quem lhe ama... a voz lhe falta,
As lagrimas lh'impedem...

Quer vel-a inda uma vez... entre seus braços
Descançar sua fronte...
Sonhar esses amores venturosos
Desses tempos passados!..

E' bem tarde! entre nuvens cor de ouro
O dia vem surgindo,
Adeus! diz uma voz... adeus! adeus!..
O peregrino parte!

Rompeo o lindo insecto o seu casulo
Tão cheio de alegria...
Quebrou o condemnado os rijos ferros,
E goza a liberdade...

Desfez-se a negra nuvem da tormenta,
O mar é socegado...
E a linda pomba sacodindo as azas
Ligeira sobe ao Céol

Lá, bem longe do mundo, sobre um tumulo
Uma virgem se prostra,
Entre soluços, balbucia um nome
E — ninguém-lhe responde!..

Morreu o trovador!.. Que resta d'elle
— Uma lyra sem cordas...
No peito de quem ama uma saudade,
Seu nome e seu adeus!..

Cruz Junior.

ELLA.

Nunca vi, — não sei se existe
Uma deidade tão bella,
Que tenhas uns olhos brilhantes
Como são os olhos d'ella!
F. G. Braga.

Seus olhos que brilham tanto,
Que prendem tão doce encanto,
Que prendem um casto amor
Onde com rara belleza,
Se esmerou a natureza
Com meiguice e com primor.

Suas faces purpurinãs
De rubras cores divinas
De mago brilho e condão;
Meigas faces que harmonia
Inspira em doce poesia
Ao meu terno coração!

Sua boca meiga e breve,
Onde um sorriso de leve
Com doçura se desliza,
Oruando purpura cor,
Celestes labios de amor
Que com neve se harmonisa.

Com sua boca mimosa
Solta voz harmoniosa
Que inspira ardente paixão,
Dos labios de Cherubin
Eu quizera ouvir um — sim —
P'ra allivio do coração!

Vem, ó anjo de condura,
Fazer a dita, a ventura
De minh'alma sem vigor;
Donzella, vem dar-lhe alento,
Faz-lhe gozar teu portento,
«Dá-lhe um suspiro de amor!»

Assis.

MOTTE

dado pela *Marmota* n. 530.

As Potencias do Occidente
Com as Águias e os Leões
Ou tomam Sebastopol
Ou deixam de ser Nações.

GLOSA.

Tudo quanto nasce e vive
Mais tarde, ou cedo tem fim;
A fama hoje em galarim,
Amanhã... já no declive...
Renome gozou Ninive;
Carthago foi mui potente,
E Roma de gloria ingente
Leis dictou... mas hoje só
O seu nome causa dô

As Potencias do Occidente.

Venusa, de Italia a flor,
Já foi nação, o rainha;
Mas hoje pobre e mesquinha,
Do passado... soffre a dor!
Portugal já foi senhor
Dos mais subidos brazões,
Foi elle o rei das nações
Conquistando o mundo inteiro,
Mas nunca se fez guerreiro
Com as Águias e os Leões.

For elle sempre gigante,
Dominou todos os mares,
Do Tejo aos indios palmares,
Navegou sempre arrogante!..
N'Oriente triumphante
Sorrio-lhe formoso sol;
Foi do mundo elle o pharol,
Quaes são hoje as — aliadas
Que por terra são prostradas,
Ou tomam Sebastopol.

A Russia, nação vaidosa,
Quer ser forte e valentona;
Mas qual cabio—Marathona,
Sorte lhe espera estrondosa!
Que importa seja orgulhosa
Fiada nos seus canhões?!
Repare nas legiões
Desses tres reinos gigantes,
Que hão de vencer-a, quanto antes,
Ou deixam de ser nações.

Aréas 24 de Dezembro de 1854.

Ferreira Vianna.

As Potencias do Occidente,
Com as Águias e os Leões,
Ou tomam Sebastopol,
Ou deixam de ser Nações.

GLOSA.

Lá atroam feros canhões
Para a parte do Oriente,
E' a Russia que destroça
As Potencias do Occidente.
E' a Russia mui valente
Que mil feros canhões
Dos Francos, dos Albiões,
Ella vai destroçando,
Vencendo, e não se importando
Com as Águias e os Leões.

Do catal'go das nações
Serão riscadas do rol
A França, a Inglaterra,
Ou tomam Sebastopol.
Eil-os presos ao anzol
Os Francos e os Albiões,
Esses fôcos de ambições,
Caro linc hades custar,
Ou o forte não de tomar,
Ou deixam de ser Nações.

A. C. d'Araujo Maccedo.

Esta não é mãe.

Certa Mãe, como ha muitas, n'um dia de fallar a verdade zangou-se com a filha e ro-gou-lhe a seguinte praga:

Olha, filha do demonio,
Deos queira que Santo Antonio
O marido que te der,
Não queira de ti soffrer,
(Pois que á Mãe a filha sabe)!..
O que de mim com prazer
Soffria o bom de teu Pae!

P. B.

Resposta espirituaes.

Certo sugeito gabava-se de haver conquista-do a confiança de um dos nossos chefes de policia, e para prova-o disse estar encarregado do celebre —livro negro— de que todo mundo terá ouvido fallar; porque, accres-centa elle, isto só se confia a quem sabe guardar segredo.

— O chefe de policia, acudio um assis-tente, pôde ainda fazer outro beneficio á re-partição, e sobre tudo ás finanças della..

— Então o que é? perguntou o secretario privado.

— E' encarregar o Snr. do registo de tudo que carecer de *publicidade*, porque assim poupará as despesas com os jornaes do dia.

Maximas e pensamentos.

— A amizade e o amor da mulher para o homem é tão antigo, exemplar e heroico, que a propria historia se admira de tamanha magnanimidade.

— O filho sabio é a alegria de seu pae; porém o filho insensato é a tristeza de sua mãe.

— A mulher diligente é a corôa de seu marido, e a que pratica cousas indignas, faz-lhe apodrecer os ossos.

— A mulher prudente edifica sua casa; a ignorante destruírá ainda com suas mãos o que está já feito.

— Os paes dão casa e riquezas; porém o Senhor dá propriamente uma mulher de prudencia.

— Não des os teus bens ás mulheres, nem empregues as tuas riquezas em destruir os réis.

— O poder tem por fundamento o temor das poixões.

Charada facil.

Da brasílica fécula o extracto,
Composto purpurino, aos olhos grato 2ª, 1ª
Seu madeira de India, e para náos
Dizem que muito servem os meus páos 4ª, 1ª
Assim faz a mulher quando obedece,
E' de fallar seu erro reconhece. 1ª, 2ª

Aurifero tecido apreciado,
Ou trabalho de sêda ou lã formado . . 4ª, 2ª
Assim faz a mulher impertinente,
Quando raivosa quer zangar a gente. 3ª, 2ª
Assim faz o Mastim á argentea lua,
Que tranquilla em seu curso continúa! 2ª, 4ª
Quadrupede, ou de corte um instrumento
Que em casa usamos a qualq.º momento 3ª, 1ª
Assim diz terno amante á sua bella
Doitado alguma vez no collo della. . . 4ª, 4ª

CONCERTO.

Com ferros trabalho
Por fendas abrir;
As fendas abertas
Procuo entupir.

PAULA BRITO.

Aquelle, que primeiro a decifrar,
Fabia (tragedia buffa) hade ganhar.

Para dar-me a existencia,
Vai meo pai morrer queimado;
Meu viver quasi é noturno,
Ao depois que sou gerado.
Do progresso sou origem;
Neste seculo nasci;
P'ra chegar ao que hoje sou,
Mil tormentos padeci. 1

De Terpsichore nas festas
Procurando me hasde achar;
Costumo depois da dança
Quasi sempre a passear.
Me verás nas contradanças,
Nas valsas sempre a pular;
E tambem algumas vezes
Depois disso me sentar.

A rola triste e chorosa
Por mim solta o seu piar.
Quando vê que a sorte impia
Quer seos dias enlutar! 1

CONCERTO.

Nome de moço
Muito bonito.

F. Gomes da Silva.

FABULAS DE YRIARTE.

O Elefante, e outros Animaes.

Lá nos tempos antigos,
E em terras mui remotas,
Quando os brutos fallavam
Tal ou qual geringonça,
Vendo o sabio Elefante,
Qu'entre elles era moda
Incorrer em abusos
Que merecem reforma;
Affear-lh'os pertende,
E p'ra isso os convoca:
Depois que a cortezia
A todos fez co' a tromba;
Entra a persuadil-os
Com uma arenga doutra,
Que para aquelle intento
Estudou de memoria.
Abominando esteve
Por mais d'um quarto d' hora
Mil ridiculas faltas,
Mil modas viciosas,
A preguiça nociva,
A presumpção vaidosa,
A arrogante ignorancia,
A inveja venenosa.

Em extremo goz-tosos
Estavam, boca aberta,
Ouvindo seus conselhos
Alguns delles em roda:

O Cordeiro innocente,
A Abelha artificiosa,
O leal Perdigueiro,
A sempre fiel Pomba,
O dextro Pintasilgo,
A simples Mariposa,
O Cavallo obediente,
A Formiga engenhosa.
Mas daquelle auditorio,
Gram parte desdenhosa,
Offendida não pôde
Soffrer tanta parola:
Eis-que o Tigre, e o Lobo
Contra o Censor s'enojam:
! Que de injurias vomita
A serpe venenosa!
Offendidos diziam,
Mofando em vozes roucas,
O Zangaõ, e a Véspea,
O Bisouro e a Mosca,
Sahiram do concurso,
Sem ouvir suas glorias,
A Toupeira, o Milhafre,
A Cigarra danuosa;
A Foinha se encolhe,
Dissimula a Raposa;
E o Macaco insolente
Zomba de todos elles.

Estava o Elefante

Olhando com paxorra;
E o seu arraçoado
Concluiu desta fórma:
A nenhum, mas a todos
Minha prática toca:
Quem a sente, se culpa,
E quem não, que a ouça.

MORALIDADE.

Quem lêr as minhas fabulas,
Saiba tambem que todas
Fallam com mil Nações,
Não só com a Hespanhola:
Nem fallam destes tempos;
Porque defeitos graves,
Sempre no mundo os houve,
Como ha tambem agora.
Como pois não criticam
Destinadas pessoas;
Se alguém as applicar,
Guarda p'ra si a gloria. (1)

(1) Dizemos popularmente: — a quem lhe servir a carapuça, que a ponha na cabeça.



**D. PEDRO V
REI DE PORTUGAL**

Grande valsa *para piano*, em 4 partes, com magestosa introdução, pelo Snr. Antonio Xavier da Cruz Lima:

Vende-se na loja de Paula Brito, praça da Constituição n. 64; preço, 17000.

Para os Snrs. assignantes e accionistas da MARMOTA é gratis.

Aviso aos Devotos.

Sabbado 13 e Domingo 14 será frau-queado de dia e de noite, o PRESEPE, que por minha devoção tenho, ha 23 annos, armado na casa de minha residencia, rua dos Ciganos n. 38 e 40. Todas as pessoas que até aqui me tem obsequiado, frequen-tando-o, ouvirão de noite dons Hymnos; (um dos quaes é composição do Snr. Demetrio Rivero e letras do Snr. Paula Brito), e me acharão prompto para tudo o que de mim precisarem, em qualquer occasião dos re-feridos dias 13 e 14. Francisco José de Barros.

Imp. Typ. —DOS DE DEZEMBRO— de Paula Brito